

**PROFESSORA DE HISTÓRIA, IRMÃ RELIGIOSA E DEFENSORA DA
CONCRETIZAÇÃO DA REFORMA AGRÁRIA: RELATOS SOBRE A VIDA DE
IRMÃ OLGA MANOSSO**

Elisandra Tomascheski

Mestre em História – Universidade Federal da Grande Dourados

eli_tomascheski@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é uma tentativa de desinvisibilizar as atividades femininas no interior da Igreja Católica, instituição predominantemente patriarcal, a partir da história de vida da Irmã Olga Manosso. Outro ponto a ser discutido são as atividades realizadas por ela na constituição da Comissão Pastoral da Terra – CPT, que tem como principal objetivo a assessoria aos movimentos sociais do campo na luta pela terra. Olga Manosso, soube desde a tenra idade que desejava ser professora e descobrindo sua vocação religiosa, optou por uma comunidade que lhe permitia exercer as duas funções sociais, sendo a Congregação de Irmãs de São José de Chambéry, na Província de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, seu estado natal. Antes de ingressar em sua carreira universitária, Olga fez seus votos perpétuos consagrando sua vida à obras religiosas que tem por objetivos não apenas a oração e a contemplação, mas também a vida comunitária, baseada na fé, estudo e crescimento pessoal, desapego e abertura para o discernimento e principalmente aos serviços junto aos empobrecidos. Assim após concluir sua graduação de história, ainda em terras gaúchas, ela foi aprovada em um concurso público no então estado de Mato Grosso, onde passa a agir ativamente junto aos movimentos sociais rurais, buscando a concretização da reforma agrária. Escrever sobre a Irmã Olga e suas atividades tanto religiosas como políticas é uma maneira de romper com a história tradicional e, principalmente evidenciar que as mulheres desenvolvem atividades respeitáveis e importantes, recorrentemente invisibilizadas e esquecidas por uma sociedade androcêntrica, pautada nos pressupostos patriarcais. As discussões desenvolvidas neste artigo têm como base o conceito de gênero e as teorias da história das mulheres. Para que se alcançasse os objetivos aqui propostos, realizou-se entrevistas com o suporte da História Oral, com a Irmã Olga, que atualmente reside no Assentamento Itamarati, localizado no município de Ponta Porã, no estado de Mato Grosso do Sul –MS. A história desta mulher é baseada na luta pela terra, pelo trabalho junto aos menos favorecidos economicamente e principalmente contra a dominação masculina nas mais variadas esferas sociais.

Palavras-chave: superação, mulheres, luta.

Introdução

Escrever sobre mulheres é na maioria da vezes um caminho árduo, que nos faz andar na contramão de uma sociedade habituada a falar e escrever sobre grandes feitos masculinos. Historicamente as mulheres foram silenciadas e invisibilizadas, sendo consideradas como

sujeitos sociais inferiores. Situação esta que deixou uma marca indelével na historiografia feminina. Segundo Michelle Perrot: “As mulheres ficaram por muito tempo fora desse relato, como se destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de uma mar abissal!” (PERROT, 2017, p. 16).

Registrar fragmentos da vida de Irmã Olga é justamente uma maneira de romper com estereótipos hierarquizantes postulados sobre as mulheres. Uma vez que dentro de uma instituição tradicional e androcêntrica como a Igreja Católica, ela conseguiu fender vários padrões do que se espera das mulheres. De acordo com Lilian Oliveira:

A história da mulher brasileira, como a história de tantas mulheres, é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que em grande medida foi legitimada pela religião cristã ocidental, que transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais (Oliveira, 2009, p. 01).

Deste modo se faz profícuo discorrer sobre mulheres que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária. Que anseiam pelo rompimento de padrões que subalternizam seres humanos. E a vida de Irmã Olga é um grande exemplo de luta que serve de inspiração para as novas gerações, porquanto ela sempre teve como lema um versículo da Bíblia: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo. 10,10).

Assim sendo para a realização deste texto foi efetivada uma entrevista com a Irmã Olga, tendo como suporte a metodologia da História da Oral, que como afirma Eder Silveira: “O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à história, como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito a memória”. (SILVEIRA, 2007, p. 39).

Destarte este trabalho será dividido em três partes. Nas quais primeiramente será apresentada quem é a Irmã Olga e como se iniciou seu processo de luta como professora de história e irmã religiosa. Posteriormente se discorrerá sobre sua mudança e permanência no Mato Grosso Sul e sua contribuição no trabalho junto aos movimentos sociais rurais. Por último será descrita sua atual atuação no Assentamento Itamarati, na luta pela causa das mulheres.

Quem é Irmã Olga?

Olga Manosso, filha de um casal de agricultores, Ângelo Manosso e Irme Suzim Manosso, nasceu em 05 de janeiro de 1948, no município de São Marcos no Rio Grande do

Sul, e residiu durante sua infância e adolescência na Linha Marechal Deodoro, zona rural da referida comuna. Sobre essa época ela narra:

A nossa infância foi na colônia, área muito pedregosa, muita montanha e o que se tinha como renda maior era com a questão da uva, até meu falecido pai morrer tinha cantina, pequena, mas depois o cunhado não acertou mais e acabou com a cantina e a uva começou a ser vendida na cooperativa. Então a nossa vida era assim, tinha a criação de pequenos animais e tinha uma escola a dois quilômetros de onde nós morávamos, lá eu estudei até o quarto ano e depois para poder continuar, era a época da admissão e não tinha ônibus escolar como hoje em dia, e nós não tínhamos carro no começo, era só uma carroça, então o pai e a mãe me mandaram para a casa de uma tia em São Marcos, pra poder continuar estudando. Ai eu fiz a admissão, depois a quinta, sexta e sétima série e nos finais de semana eu ia pra casa (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Olga teve uma infância que se pode chamar de tranquila no interior do Rio Grande Sul, trabalhando junto com a família e estudando. Ela destaca também que desde a tenra idade soube que queria ser professora e foi nesse colégio em São Marcos onde encontrou uma irmã que a convidou para ser freira:

La nesse colégio eu encontrei uma irmã que sempre convidava e dizia assim se eu não queria ser freira e para que eu queria estudar e eu sempre respondia que queria ser professora, então ela me disse que eu poderia ser professora e freira. Aí você dá aula e tem um tempo livre para se dedicar ao trabalho com o povo, só que você não pode se casar e os bens são de todo mundo, não terá nada individual. E eu fui pensando, rezando e a minha família sempre rezava. Ai quando eu tinha 16 anos eu decidi ir para Garibaldi estudar pra freira e estou bem com isso (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Olga escolhe ser freira, adentrando para o congregação das Irmãs de São José de Chambéry, que desde os primórdios de sua fundação já desencadeia uma grande ruptura social, uma vez que surge com a pretensão de levar socorro aos mais necessitados e ainda transformar a situação das mulheres dentro da Igreja que até então aprovava a vida religiosa feminina enclausurada. De acordo com Ir. Arsenia Erthal:

Precisamos lembrar porque esta congregação nasceu. No pensamento de Padre Jean Pierre, ela devia ser uma resposta ao apelo gritante do povo desamparado e faminto pelas consequências das guerras na França do século XVII. Com certeza o jovem jesuíta sentia a voz por ele já conhecida: “ouvi os clamores do meu povo...” (Êxodo, 3,7) E Padre Médaille não ficou dormindo... Um outro motivo foi a busca persistente de Vida Religiosa apostólica, nos tempos em que a igreja só conhecia e aprovava vida religiosa feminina enclausurada¹ (ERTHAL, 2007, p. 04).

A escolha pela congregação veio a calhar com o perfil pessoal de Olga Manosso, porquanto sempre foi ligada a questões sindicais e a luta pelos direitos dos menos favorecidos

¹ Para mais informações sobre a Congregação Irmãs de São José de Chambéry acessar o site: www.isjbrasil.com.br

economicamente. Ela atribui esse fator às lutas postuladas por seu pai, nota-se então que sua preferência não se deu fortuitamente. Sobre esse assunto ela narra:

As irmãs de São José que me incentivaram sempre afirmavam que eu poderia ser professora e me dedicar ao trabalho com o povo. Na verdade eu herdei do meu pai muito a questão da luta sindical. Eu cresci escutando conversando e vendo, porque o pai foi um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Marcos e também de duas cooperativas para atender a comunidade. Então o pai sempre foi muito dessas lutas e aí eu aprendi com isso e quando a irmã dizia que a gente podia fazer esse trabalho. Eu daria aula porque a nossa congregação tem como propósito não ser pesada a ninguém, que significa que a gente tem que ter uma profissão e lutaria pelos direitos do povo, me espelhando na luta do meu pai (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

E assim começa a longa jornada de formação pessoal, apostólica e profissional de Olga Manosso. Uma gênese que anseia pela transformação da sociedade em prol dos marginalizados. Uma caminhada na qual olvida-se do “eu” e projetam-se sonhos para os “outros” a partir da doação da vida. De tal modo ela relata:

Então fiz o apostolantado, o noviciado e concluí o ensino médio e vim para o então Mato Grosso com 23 anos de idade e aqui eu fiz licenciatura curta em Estudos Sociais, depois voltei para o Rio Grande do Sul cursar História em Caxias, mais tarde fiz pós-graduação em educação em Dourados, fiz muitos cursos ligados a Comissão Pastoral da Terra, ali que foi clareando muito a metodologia de trabalho com o povo, o compromisso com os movimentos sociais, um curso que mudou bastante a perspectiva de sociedade foi um que fiz em Goiânia, sobre Marx e o que ele pensava, então as ideias de trabalho foram clareando mais (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Nota-se que a construção da formação religiosa e profissional de Olga Manosso foi árdua e exigiu uma grande dedicação e concessão de vida pessoal. Evidencia-se ainda que os caminhos por ela escolhidos asselam para uma incursão diferenciada na sociedade, fugindo daquilo que se espera de uma irmã religiosa. Porquanto ela se dedica ao trabalho com os mais necessitados, amparada por metodologias não convergentes com a Igreja Católica tradicional.

Ir contra padrões impostos na sociedade a partir da tradição não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se trata de mulheres. Sobre esse aspecto Losandro Tedeschi afirma: “A moral cristã e o discurso da Igreja obrigaram e limitaram a mulher a “ser para” e “através dos” outros, negando-lhe a possibilidade de ser ela mesma” (TEDESCHI, 2016, p. 73).

Irmã Olga assenta raízes no então estado de Mato Grosso após ser aprovada em um concurso público como professora de história. O lugar social por ela escolhido para sua missão tanto de professora como de irmã religiosa tinha uma identidade que poderia assustar qualquer pessoa, uma vez que era considerado um estado atrasado, violento e dominado pelo latifúndio.

Fatores estes que ao invés de amedrontar a jovem freira, a impulsionaram na luta em prol dos menos favorecidos.

A luta por terra e por dignidade para o povo

Ao chegar no estado de Mato Grosso, Irmã Olga assume seu concurso no município de Glória de Dourados. Além de exercer o papel profissional de professora de história, ela inicia sua luta juntamente com a comunidade local em prol da reforma agrária e da fundação de sindicatos em benefício aos trabalhadores rurais da região. Sobre suas primeiras atividades ela relata:

Eu sou amiga de Ivo Poletto, ele foi pra Goiânia e eu vim pra cá. Ele começou a organizar a pastoral da terra lá e veio pra cá dar umas formações pra nós e explicar a importância de começar um trabalho. Então graças a Deus e uma equipe, organizamos a primeira equipe da pastoral da terra, lá em Glória de Dourados né. E aquela grande ocupação da Santa Idalina², nós ajudamos a coordenar, e eu e o falecido Rosalvo que estávamos a frente do movimento ficamos escondidos, não era nem o polícia que queria nos pegar, eram os jagunços da Fazenda Someco, porque a terra era da Someco, que queriam acabar com as lideranças que haviam organizado o movimento (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Fazendo frente ao movimento de ocupação Irmã Olga quebra vários paradigmas sociais alicerçado ao longo dos anos, uma vez que na luta pela terra a função feminina na maioria das vezes é invisibilizada. Homens e mulheres ocuparam papéis e funções hierarquizadas, marcadas pela dominação do masculino. De acordo com Paulo Angelin:

As diferenças entre homens e mulheres construídas no desencadear do processo histórico-cultural, seja no âmbito da família, seja no âmbito da sociedade em geral, produzem desigualdades e geram hierarquias entre o trabalho masculino e o feminino, perpetuando a divisão sexual do trabalho e a distinção entre os papéis sociais masculinos e femininos (ANGELIN, 2012, O. 59).

Sem se importar com as diferenças sociais impostas ao seu gênero, Irmã Olga constrói uma realidade de luta em prol dos menos favorecidos. Se esconde de jagunços, não se rende ao medo e a represálias, vai em frente, e afirma:

Poder ser instrumento de Deus para fazer mudanças na sociedade é o que fundamentou ainda mais a minha escolha de ser irmã de São José, nós estudamos o sonho do nosso fundador, o compromisso com os empobrecidos, com os doentes e tudo isso ajudou muito, junto ao que eu via com o trabalho do pai no sindicato e das cooperativas. Tudo isso firmou minha escolha e o compromisso da mudança da sociedade, buscando uma vida digna para o povo (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

² Para um maior aprofundamento nesse tema acessar o site: www.revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/4204

Escolher doar a vida por uma causa define a luta desta irmã, não pensando no que a sociedade esperava de sua função como mulher e irmã religiosa, ela ultrapassa os limites sociais a ela impostos, sonhando em proporcionar a dignidade da vida a partir da luta pelos e para os empobrecidos. Nessa caminhada ela foi agraciada com vários prêmios de reconhecimento pelos seus méritos. Ao receber o Prêmio Marçal de Souza em abril de 1996, ela assim foi descrita por aqueles que a homenagearam:

Irmã Olga foi rompendo as barreiras internas e externas. Na congregação era muito avançada perante as outras. Também pudera, uma freira baixinha, gaúcha de olho azul, dirigindo uma toyota cheia de trabalhadores rurais, gente pobre, mal vestida, indo pra encontro e reuniões, ou então pegando um advogado, o presidente do sindicato e enfrentando situações perigosas para ir até posseiros e arrendatários em conflito (Homenagem de Francisco e Geni, abril de 1996).

Elucida-se deste modo que Irmã Olga sempre foi perseverante no seu propósito de luta, reafirmando-se enquanto mulher e desinvisibilizando os protagonismos femininos. Com sua vida ela consegue demonstrar a força das mulheres, historicamente subjugadas por seu sexo. Segundo Joan Scott:

Al suponer que las mujeres tienen características específicas e identidades objetivas, y que éstas, por su naturaleza firme y predecible, son diferentes de las de los hombres, y que además generan necesidades e intereses femeninos que pueden ser definidos, los historiadores dieron a entender que la diferencia sexual es un fenómeno natural más que social (SCOTT, 2008, p. 22).

A vida de Irmã Olga vem para elucidar que as funções destinadas as mulheres durante grande parte da história, são constructos sociais, baseados no patriarcado e na colonialidade do corpo feminino, marcando-as como seres inferiores e incapazes de participar da vida pública e política.

Nas suas várias reuniões para a constituição da CPT - Comissão Pastoral da Terra, com as pessoas do sindicato e das cooperativas, com o intuito de dar suporte as atividades dos movimentos sociais, Irmã Olga teve uma grande sensibilidade ao notar a ausência das mulheres nesses espaços, assim ela relata:

A Irmã Aná de Novo Horizonte e eu, nas reuniões da CPT, víamos vir o pessoal do sindicato, das cooperativas, mas só homens, e as mulheres não participavam, então nós pensamos, vamos tentar dar vez e voz para as mulheres, tentar motivar para elas participarem, então nós recomeçamos o que agora chamamos de Movimento de Mulheres Camponesas, mas antes era, Mulheres Trabalhadoras Rurais, um movimento independente. Assim toda a minha vida foi a questão da educação do campo, o movimento de mulheres, organização dos agricultores familiares, a agroecologia, todas essas questões, sempre buscando apoio e parcerias, buscando a dignidade para as pessoas (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Nota-se na narrativa, um processo de longa duração, no qual os homens são representantes das famílias na zona rural, resultado este de padrões socialmente impostos, nos quais à mulher cabe o setor doméstico e familiar. Observar a não presença das mulheres nesses espaços e relevante para a quebra de estereótipos da dominação, fator este que por vezes não é visto como algo positivo pela população. De acordo com Carmem Deere e Magdalena León:

O empoderamento da mulher desafia relações familiares patriarcais, pois pode levar ao desempoderamento do homem e certamente leva a perda da posição privilegiada de que ele desfruta sob o patriarcado. Isso porque o empoderamento ocorre quando houve uma mudança na tradicional dominação da mulher pelo homem, seja com relação ao controle de suas opções de vida, seus bens, suas opiniões ou sua sexualidade (DEERE & LEÓN, 2002, p. 54).

O desejo de alavancar um movimento para dar voz e vez às mulheres é justamente buscar o empoderamento feminino. Desejo este que parte da premissa da igualdade entre os sujeitos. No qual se pode evidenciar um jogo de poder, entre dominado e dominante demandado historicamente. Michel Foucault ao discorrer sobre as relações de poder elucida como elas se perpetuam e também como elas estão todos os lugares:

Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais (FOUCAULT, 1988, p. 89).

Irmã Olga ao pensar na participação feminina na organização social, rompe com uma cadeia de poderes patriarcais, elucidando como as mulheres tem o direito de participar da luta, bem como dos frutos resultantes desta. Nesse sentido, se faz necessário uma formação para percepção das várias formas de dominação. Carmem Deere e Magdalena León destacam:

Pelo fato de a subordinação da mulher parecer normal dentro da ideologia patriarcal, é difícil que a mudança entre em erupção espontaneamente da condição de subordinação. O empoderamento deve ser induzido primeiro pela criação de uma consciência da discriminação de gênero. Isso exige que a mulher mude sua auto percepção negativa, assim como suas crenças relativas a seus direitos e capacidades. Facilitar as condições para encorajar essas mudanças é o papel de agentes externos. (DEERE & LEÓN, 2002, p. 55)

O trabalho e a preocupação de Irmã Olga são os agentes protagonistas de mudanças na percepção do trabalho e da vida de mulheres nas atividades públicas do meio rural. Pois ela tem o intuito de fazer uma nova orientação do que é ser mulher e qual o papel que ela ocupa na sociedade, a partir dos movimentos sociais de base.

A luta e o compromisso com a causa dos menos favorecidos, em busca da dignidade da vida, e as posições políticas assumidas foram também um fator que levou a Irmã a sofrer

preconceitos e além disso algumas retaliações dentro da congregação e da escola na qual atuava.

Sobre isso ela nos conta:

Eu sou filiada ao PT desde 1985, ai as irmãs foram falar com a superiora, que eu tinha me filiado e que isso ia romper a unidade, ai ela veio conversar comigo e eu disse “Irmã o que faz a divisão, escuta bem, não é eu ter me filiado ao PT que eu acho que é um instrumento, o que gera divisão é a minha luta junto aos sem-terra, os fazendeiros, latifundiários, não concordam, perseguem, procuram acabar com a gente, isso sim”. Lá em Gloria tinha a esposa de um fazendeiro, professora na mesma escola, então quando tinham as ocupações, como a da Santa Idalina, a gente fazia campanha de comida, ai eu aproveitava a sala de aula pra fazer a campanha, ai ela ia atrás na outra aula e dizia “não ajuda essa freira, que em vez dela ficar rezando, ela fica fazendo essas campanhas, fica fazendo essas políticas”, ela ficava atrás, mas sempre tinha quem ajudava assim mesmo. O trabalho com os movimentos sociais sim foi uma escolha minha, mas com apoio da província, porque o fundador queria isso, essa linha da questão da ótica social (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Pode-se assim perceber que o rompimento de determinados moldes sociais, geraram algumas desavenças para ela, fato que não a abalou na sua luta por uma vida melhor para as outras pessoas. Diante desta conjuntura é relevante mencionar que as mulheres ao tentar se soltar de suas amarras e constructos históricos na grande fração das vezes foram perseguidas, isso porque a elas era designado um papel ou função. De acordo com Losandro Tedeschi: “O poder simbólico do patriarcalismo de dizer ou fazer crer sobre o mundo feminino teve o controle da vida social e expressou sua supremacia, estabelecendo valores e normas aos papeis sociais das mulheres” (TEDESCHI, 2016, p. 77).

Irma Olga ainda sofria preconceitos em sua atuação, por ser freira, o que por muito tempo na sociedade ocidental significou oração e contemplação. Realidade esta que não se encaixa na luta postulada por esta mulher. As culturas tradicionais rotulam e enquadram as pessoas, exemplo notado na fala da professora quando afirma que ela deveria ficar rezando. De acordo com Robert Darnton: “Operamos dentro de coações culturais, exatamente como todos partilhamos convenções da fala” (DARNTON, 1986, p. 17).

Desde modo a luta dela foi árdua e cheia de percalços, uma vez que constantemente teve que buscar a afirmação social, tanto por ser mulher como por ser freira. Condição esta ocasionada unicamente por conta da sujeição do feminino na nossa sociedade androcêntrica e patriarcal.

Uma mulher que luta por outras mulheres: Vida de irmã Olga no Assentamento Itamarati

Em mais uma missão em busca de auxílio aos mais necessitados, Irmã Olga muda-se para o Assentamento Itamarati, localizado no município de Ponta Porã, fronteira do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, lugar onde reside na atualidade. Sobre a mudança ela nos conta:

Na época eu morava em Dourados com a Irmã Gema e a Irmã Jandira, e nós visitávamos todos os assentamentos, e tinha uma discussão na congregação que a questão indígena e assentamento eram uma prioridade para as Irmãs de São José. Ai a superiora falou assim, nós vamos abrir uma casa lá no Assentamento Itamarati, mas só se você for pra lá, porque lá tem todos os movimentos sociais do campo e nós temos que construir a comunhão e se você for pra lá nós vamos estudar outras irmãs que vão formar a comunidade com você e daí eu aceitei o desafio porque é muito mais interessante morar no lugar, porque antes eu só ia dar cursos e morando no lugar a gente conhece melhor a realidade (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Assim Irmã Olga chega no Assentamento Itamarati no ano de 2005, um lugar plural, composto por diversos movimentos sociais, com distintas disputas e rivalidades e seu papel era trabalhar a unidade e a questão religiosa. O referido local conta com 51.107 hectares de assentamento e mais de 3.500 famílias assentadas³, lugar este que foi tratado com muito carinho e esmero por esta mulher que conseguiu organizá-lo tanto religiosa como socialmente.

Estabeleceu juntamente com a Irmã Gema, 33 comunidades religiosas ao longo do território, cada uma com sua capela e suas lideranças e também desenvolveu vários projetos, iniciando em 2006 com a agroecologia, sobre o qual ela discorre:

Desde o começo eu quis trabalhar com a agroecologia, em todos os movimentos nós temos pessoas, começou com muita gente, mais 70 cadastrados, mas na verdade eles pensavam que teriam verba, e quando viram que era trabalho ai diminui muito, mas ainda tem (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Os problemas por ela enfrentados em grande medida se deram por falta de verba e também por falta de entendimento político e de trabalho, como ela pontua com relação ao projeto, muitos se interessaram, porém poucos permaneceram quando compreenderam o que realmente era o projeto. Mas o tímido trabalho iniciado na década passada tem reflexos positivos na atualidade, pois trouxe consigo uma fagulha de independência feminina através de uma feira orgânica, na cidade de Ponta Porã, na qual as mulheres assentadas comercializam seus produtos.

³ Para mais informações sobre o Assentamento Itamarati indico a seguinte leitura: TERRA, Ademir. **Reforma agrária por conveniência e/ou por pressão? Assentamento Itamarati em Ponta Porã – MS: “o pivô da questão”**. Presidente Prudente 2009. Tese doutorado – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de ciências e tecnologia.

Hoje nós temos a feira, que a Candida está conduzindo, dá muito trabalho mais vai, porque o que nós queríamos era justamente nos dedicar a geração de renda por parte das mulheres, e em todas as atividades que se tem se busca essa questão, a agroecologia e a independência feminina, independente da bandeira do movimento. Então eu aceitei vir pra cá pra construir a unidade, eu e Irmã Gema organizamos todas as comunidades, depois veio o Padre e ele tem outra forma de trabalhar, então nós acabamos deixando (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Irmã Olga traz então para as mulheres do Assentamento uma nova perspectiva de vida, tanto com relação a alimentação saudável quanto para a sua independência financeira. Uma nova realidade para as mulheres assentadas que traz em seu âmago a luta por uma vida mais digna. Situação esta que novamente vem romper laços com uma sociedade hierarquizante que segrega o feminino. Sobre a vida da mulher no campo Gema Esmeraldo destaca:

Ao longo da história da formação da vida camponesa, estruturas materiais e simbólicas se objetivam e se naturalizam, e perpetuam uma ordem e uma divisão sexual na unidade produtiva e na unidade doméstica ordenando papéis sociais sexuados (ESMERALDO, 2010, p. 195).

A luta de Irmã Olga é justamente desnaturalizar essa divisão social baseada na sexualidade que coloca o homem num lugar de poder inquestionável. Deste modo ela também passa a coordenar o Movimento de Mulheres Camponesas no Assentamento, com o intuito do formar e informar as mulheres sobre seus direitos sociais e pessoais, almejando a ruptura e perpetuação da organização baseada no patriarcado.

Ao ser questionada sobre os motivos de optar trabalhar na causa das mulheres ela nos relata:

Eu atuava na pastoral da terra a CPT e a gente falava de uma sociedade igualitária aonde todo mundo tem o seu papel, mas eu percebia que as mulheres não participavam, ai nós começamos a falar afirmando que a mulher não pode ficar só na casa, no fogão, no tanque, que precisa agir na sociedade, dai surgiu esse compromisso de construir uma sociedade com igualdade, onde homem e mulher conversa, fala. E também a camponesa tem mais dificuldade do que a mulher da cidade, pra falar da violência que sofre, pra reagir, pra buscar os direitos né e aqui no Assentamento nós continuamos com esse trabalho tentando evidenciar a importância e o papel da mulher (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

No seu trabalho social e religioso Irmã Olga percebe a ausência das mulheres nos lugares de poderes e isso a incomoda. Ela não desmerece o trabalho feminino, pelo contrário, ela quer expandi-lo, desinibilizando-o e reafirmando que elas podem ocupar os espaços almejados, sem a necessidade de se curvar diante da dominação masculina. Nesse sentido Losandro Tedeschi destaca que os discursos morais proferidos socialmente em grande parte vem reafirmar o controle do patriarcado:

A naturalização do privado, do doméstico, limitou a mulher ao lar, mas outorgou a ela uma nova forma de poder, não sobre o espaço público, mas sobre o privado. O significado da maternidade, conferido pelo discurso moral católico, apesar de ser simbólico, não foi menos opressivo, elevando a mulher à condição de “rainha do lar” e atribuindo-lhe funções, sejam fisiológicas ou familiares, transformando o espaço doméstico num local de controle do discurso masculino (TEDESCHI, 2016, p. 73).

Tendo conhecimentos dos exemplos supramencionados pelo autor, destacando a luta pela igualdade e levando em consideração que a realidade do campo é ainda mais dura para as mulheres, a luta de Irmã Olga é incansável em prol da igualdade de gênero e da dignidade da vida.

Atualmente, coordenado pelo Movimento de Mulheres Camponesas e com algumas parcerias formou-se uma roda de conversa que age no eixo do diálogo e da informação junto as mulheres assentadas por meio de uma roda de conversa. Essa iniciativa ocorreu a partir da percepção das situações de violências presentes no cotidiano feminino, as quais na maioria das vezes eram suportadas pelas mulheres por falta de informação e predominantemente por não terem a quem recorrer, haja vista a realidade do campo e ainda a fragilidade de políticas públicas concernentes a proteção da mulher.

Deste modo o Movimento de Mulheres Camponesas promove uma vez por mês uma tarde de diálogos femininos, nos quais numa roda de conversa se discorre sobre os mais variados temas, incentivando as mulheres a compartilharem suas experiências e participarem ativamente como libertadoras da opressão masculina.

Essa atuação do MMC despertou o interesse da Prefeitura Municipal de Ponta Porã, que em parceria com o CAM – Centro de Atendimento à Mulher, atualmente oferece como subsídio para a roda de conversa, uma advogada que atua nas causas das mulheres, uma assistente social e também uma psicóloga.

Deste modo a referida atividade tem auxiliado muitas mulheres a romperem relacionamentos abusivos, a compreenderem as várias formas de violências e principalmente a se reconhecerem enquanto sujeitos de valor dentro de casa e nos relacionamentos.

Esta atuação do Movimento de Mulheres Camponesas foi impulsionada por Irmã Olga ao perceber a naturalização da violência e da dominação masculina dentro do Assentamento. Sobre isso essa relata:

Nas visitas e andanças pelo Assentamento nós vamos percebendo determinadas coisas, e como nós sempre conversamos com as mulheres, surgiu essa ideia da roda de conversa, para tentar auxiliar as mulheres não apenas em situação de violência, mas também aquelas que precisam de informações, e nesses dois anos de roda já vimos muita coisa boa acontecer, essa luta coletiva tem tido resultados concretos dentro da nossa comunidade (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Nota-se então como a luta desta mulher é intensa e sempre almejando um futuro melhor para os mais necessitados, seja na questão financeira ou social. Seu projeto de vida enveredou para os caminhos do auxílio para aqueles/as invisíveis, marginalizados e explorados.

Considerações finais

Escrever sobre a vida e Olga Manosso, a Irmã Olga foi um tentativa de elucidar como as mulheres religiosas também podem ser instrumento de transformação social efetiva, rompendo com os paradigmas de uma instituição religiosa patriarcal e de cunho androcêntrico, que historicamente relegou o feminino a uma escala de valor inferior.

Ao longo do trabalho pode-se observar os muitos obstáculos por ela encontrados, na jornada da luta em prol dos menos favorecidos, sejam eles de cunho financeiro ou de cunho social. Barreiras estas que foram vencidas a partir de muita resistência.

Deste modo é contundente afirmar que a história de Irmã Olga, é uma história de superação, porquanto, para buscar auxílio aos empobrecidos e igualdade de gênero para as mulheres, ela precisou irromper padrões sociais hierarquizantes com relação ao seu sexo.

Quando questionada sobre os suas aspirações para o futuro ela afirmou: “Sonho com uma sociedade onde não existam fome e desigualdade social”. (Ir. Olga Manosso, entrevista em 11/02/2019).

Nota-se assim, que mesmo tendo uma longa jornada de busca pela dignidade da vida para outras pessoas, ela ainda não cultivava sonhos pessoais. Almeja a concretização de uma vida melhor para outros homens e mulheres, enfatizando novamente seu lema de vida consagrada: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10, 10).

Referências Bibliográficas

ANGELIM, Paulo Eduardo. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. Univeridade Federal de São Carlos – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Carlos-SP, 2012.

DARNTON, Robert. **O grande massacre do gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Tradução de Sonia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEERE Carmen Diana; LEÓN Magdalena. **O empoderamento da mulher: direitos a terra e direito a propriedade na América Latina.** Trad. Letícia Vasconcelos Abreu, Paula Azambuja Rossato Antinolfi e Sônia Terezinha Gehering. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ERTHAL, Arsenia. Leigas e leigos do “Pequeno Projeto”. Revista Irmãs de São José Brasil – 2007.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira de. **Lutas de Mulheres Sem Terra para a afirmação de novas subjetividades.** In. Anais do Congresso Brasileiro de Sociologia. ISSN: 2236-6636 / 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa de Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. **Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX nos caminhos da civilização.** In. XII Simpósio internacional Processo civilizador – Civilização e Contemporaneidade, Recife/Brasil, 2009.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Michelle Perrot; seleção de textos e introdução Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. – 7º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e história;** trad. De Consol Vilà I. Boadas. – Mexico: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico.** Universidade Luterana do Brasil, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História de mulheres que lutam: a construção do Movimento De Mulheres Trabalhadoras Rurais No Noroeste Do Rio Grande Do Sul.** São Leopoldo: Oikos, 2016.

Fontes Orais

ENTREVISTA. **Olga Manoss** (Áudio –mp3). Produção: Elisandra Tomascheski. Ponta Porã. 11/02/2019. 56 min. (aprox.), som